

APRESENTAÇÃO

A *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política* é um espaço privilegiado para a discussão da variada gama de temas envolvidos nas incessantes voltas do parafuso da história mundial, que inegavelmente se aceleraram a partir do último quartel do século passado e, sobretudo, após a grande crise internacional de 2008/2009. Tendo a economia por foco, mas sem esquecer que se trata aqui de uma ciência social, nosso periódico, como consta de sua orientação editorial, publica artigos de tendências heterodoxas diversas, desde que mantenham atitude crítica com relação à economia capitalista e oposição teórica às correntes ortodoxas e liberais.

No presente número, alguns artigos e resenhas tratam diretamente de temáticas associadas às reviravoltas do cenário global, mas, antes que falemos deles, cabe mencionar o artigo do pesquisador alemão Michael Krätke, que publicamos nesta edição, pois seu tema é precisamente a relação de Marx com a história mundial. Antes de mais nada, gostaríamos de agradecer, na pessoa de Rolf Hecker, editor dela, à revista alemã *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung* (Neue Folge 2014/15, p. 133-177), onde o artigo foi originalmente publicado, por ter nos autorizado a traduzi-lo e reproduzi-lo neste periódico. Ressalte-se porém que a versão aqui apresentada é em certa medida inédita, pois contém várias atualizações e acréscimos efetuados pelo autor que não constam do original. Destarte gostaríamos também de agradecer vivamente a César Mortari Barreira a primorosa tradução.

O artigo de Krätke é uma preciosidade porque, além de utilizar textos sobre o tema já publicados nas coleções *Marx-Engels-Werke* (MEW) e *Marx-Engels-Gesamtausgabe 2* (Mega 2), ele investiga um conjunto inédito de quatro cadernos que fazem parte do espólio Marx-Engels no Instituto Internacional de História Social (*Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis* — IISG) em Amsterdã, os quais Marx escreveu em 1881/82, pouco antes de morrer, em 1883. Em conjunto, as observações de Krätke dão conta da obstinação com que Marx procurava conhecer a história mundial, lendo tudo que levantava sua pesquisa abrangente e minuciosa (história monetária, bancária, religiosa, da diplomacia e muitas outras mais), da Europa à Ásia, sem esquecer as Américas e os antigos impérios. Na visão de Krätke, encontram-se aí as evidências de que, para Marx (e Engels), a história é uma ciência social teórica e empírica, devendo-se abandonar a ideia de uma filosofia da história na obra do grande pensador.

O debate sobre o estatuto de uma determinada disciplina do mundo das Humanidades, que perpassa o artigo de Krätke, também consta dos artigos de Bruno Peigo Romão e de Marco Dantas da Rocha, só que tomando agora como objeto a ciência econômica. Romão vai estudar a questão da relação entre economia e direito tendo por base *Para uma Ontologia do Ser Social*, como se sabe uma das obras mais importantes do Lukács tardio. Sua análise evidencia que, para o famoso pensador marxista, a economia (e, consequentemente, o desenvolvimento econômico) tem prioridade ontológica sobre o direito, que aparece, por sua vez, como reflexo daquela.

Já Dantas vai discutir a complexa e controvertida relação da economia com a ideologia. Tendo por alvo específico a teoria neoclássica — o paradigma hoje dominante no ensino da ciência, mas que serve também de suporte para as discussões práticas fora dos muros da academia — o autor busca demonstrar sua natureza ideológica, examinando o utilitarismo que sustenta boa parte de seus princípios. Ao final do artigo, o autor levanta questões que derivam do tipo de discussão que desenvolve, por exemplo, qual a razão de se atribuir a indivíduos e empresas (e por fim também ao

Estado — teoria da escolha pública) o mesmo tipo de racionalidade? Para Dantas, essa homogeneidade leva a pensar no indivíduo como “empresário de si mesmo”, expressão, como sabemos, muito familiar nas discussões atuais sobre direitos trabalhistas e papel do Estado no âmbito das relações capital-trabalho.

E com isso chegamos aos artigos que abordam diretamente os temas associados às transformações em curso na história mundial. Henrique Braga e Lays Hesse vão tratar do próprio neoliberalismo, entendendo-o como cosmovisão, a qual se torna hegemônica por conta de combinar princípios normativos, aparatos discursivos, dispositivos de poder, orientações epistemológicas e práticas de conduta pessoal. Num diálogo informal com o texto de Dantas, e centrando sua análise na questão das orientações epistemológicas, os autores vão apontar para uma transformação que se dá *intramuros* da ciência econômica que se faz na academia, a saber, a do *homo economicus* em “homem capital” (empresário de si mesmo?), adaptando-o normativamente às exigências impostas pela etapa neoliberal.

Já Iderley Colombini retoma a teoria do valor-trabalho de Marx, sobretudo o conceito de trabalho abstrato, para debater as teses do “capitalismo cognitivo”, que a estariam colocando em xeque. O artigo é evidência indireta da importância crescente que vêm assumindo na quadra atual os temas relativos ao papel do conhecimento na produção capitalista, bem como das assim chamadas “mercadorias-conhecimento”.

Ainda no registro das transmutações contemporâneas, Marcelo Carcanholo apresenta a resenha do livro de Juan Pablo Painceira Paschoa *Financialisation in emerging economies: changes in central banking* (Nova York, Routledge, 2022). A partir de um *approach* marxista, esse autor brasileiro, que, segundo Carcanholo, combina sólida formação teórica com amplo conhecimento do funcionamento concreto dos mercados financeiros, vai estudar as configurações específicas que assume a financeirização — fenômeno mais que discutido neste início de século XXI — nas economias dependentes como a

brasileira, pondo em destaque o papel decisivo das autoridades monetárias no citado fenômeno.

O Brasil, por seu lado, é o terreno da investigação de Tatiana Berringer e Tuany Alves Nascimento. As autoras, partindo de um referencial teórico poulantziano, vão examinar os conflitos de classe e de frações de classe que acabaram por levar ao esfacelamento daquilo que alguns autores chamam de “frente neodesenvolvimentista”, constituída no início do primeiro mandato de Dilma Rousseff. O foco principal da análise é o comportamento da Fiesp, a poderosa federação de indústrias do estado de São Paulo, que embarcou com protagonismo na citada frente — destinada, em princípio, a funcionar como anteparo à predominância dos interesses financeiros — mas que a abandonou pouco tempo depois, engrossando o coro pelo *impeachment* da presidenta.

Mais uma vez o Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal) e o Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro forneceram o decisivo apoio material para que pudesse vir a público esta edição. Ficam aqui nossos sinceros agradecimentos.

Boa leitura!

Comitê Editorial